

TECENDO A CRISE

Baixa competitividade eliminou mais de 2 mil empregos. As estimativas são incertas e o momento, preocupante: não há mais como cortar gastos

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

CONFECÇÕES SETOR ESTÁ À BEIRA DO ABISMO

ABDO FILHO
afilho@redgazeta.com.br

As indústrias têxtil e do vestuário agonizam no Espírito Santo. Só em 2012, foram 1,2 mil demissões diretas. Indiretamente, não há cálculos oficiais, a estimativa é de outros mil postos a menos. Esse é mais um mau resultado de um setor que sofre, há alguns anos, com a queda de competitividade, e que agora encontra-se num momento crucial. Praticamente não há mais onde cortar gastos.

As sucessivas quedas no faturamento são mais um reflexo do péssimo momento. A situação do setor têxtil é a mais alarmante, amargou um tombo de 17,2% no faturamento médio de 2010 e de 39,48% no de 2011. Os números de 2012 não foram divulgados, mas o viés de baixa, pelo ânimo dos empresários, certamente não mudou.

Na indústria do vestuário, os números são um pouco menos desanimadores, mas nada que mereça ser comemorado. Em 2010, o faturamento médio do setor caiu 4,1%. Em 2011, mais uma tombo, 7,16%. No ano passado, a força da queda diminuiu, mas a seta, com uma redução de 5,2%, continuou apontando para baixo.

A situação é tão complicada que assusta até mesmo os mais experientes. "O setor vem enfrentando problemas desde 2010. Não me recordo de tantas baixas sucessivas", lamenta o presidente da Federação das

LAMENTO I



"O custo da nossa burocracia é um absurdo, não tem como administrarmos essa quantidade de alvarás, licenças, impostos, escriturações. É demais"

PAULO VIEIRA PRES. DA
CÂMARA DO VESTUÁRIO

Indústrias do Espírito Santo (Findes), Marcos Guerra, empresário do ramo de confecções há mais de 30 anos. "São vários os casos de falência, empresas reconhecidas nacionalmente em sérias dificuldades e, claro, demissões".

Sem uma luz no fim do túnel, 2013 deve ser mais um ano complicado. Essa é a aposta do presidente da Câmara Setorial da Indústria do Vestuário, Paulo Vieira. "O cenário, como não poderia deixar de ser, é de pessimismo, com mais desindustrialização e desemprego. Não vejo outro caminho, não vejo uma política pró-empregador sendo desenhada no Brasil", critica.

Vieira, que também milita no setor há algumas décadas, elenca as dificuldades enfrentadas por quem



O setor têxtil amargou uma queda de quase 40% no faturamento só em 2011

ainda arrisca-se a abrir uma confecção. "Nossos custos de produção aumentam fortemente todos os anos, basta olhar nossa inflação. Lá fora isso ocorre numa escala bem menor.

Além disso, temos as questões tributária e burocrática. O custo da nossa burocracia é um absurdo, não há como administrarmos essa quantidade de alvarás, licenças, impostos, es-

criturações. É demais, não há produtividade e competitividade que aguentem".

Os empresários também mostram-se preocupados com a questão da terceirização da mão de

DIVULGAÇÃO

LAMENTO II



"O setor vem enfrentando problemas desde 2010. Não me recordo de tantas baixas sucessivas. São vários os casos de falências e demissões"

MARCOS GUERRA
PRESIDENTE DA FINDES

obra. Para o Ministério Público do Trabalho, que quer impedir esse tipo de prática, trata-se de terceirização da atividade fim e de precarização do trabalho. Os industriais negam.

"Não se pode verticalizar tudo, determinadas encomendas mandamos para quem é especialista, atitude normal em todas as áreas. Isso tem causado insegurança jurídica, inibindo novos investimentos e prejudicando um setor que já não vem bem", diz Vieira.

Marcos Guerra também se mostrou preocupado. "As empresas não conseguem fazer tudo sozinhas, vários fornecedores acabarão quebrados. Caso isso seja de fato vedado, cidades como Colatina e São Gabriel da Palha passarão por sérios problemas econômicos e sociais".

LADEIRA ABAIXO

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

A crise do setor têxtil

Toda a cadeia que envolve o vestuário capixaba vem enfrentando uma forte crise desde 2010

Em 2011, as 1.346 indústrias têxtil e de vestuário empregavam 17.179 em todo o Espírito Santo. Só no ano passado, foram 1,2 mil demissões

Onde estão os grandes polos



Números das mais diversas instituições confirmam a angústia vivida pelo setor no Espírito Santo:

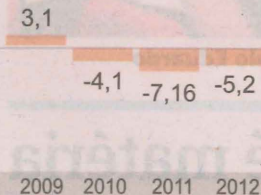
Geração de postos de trabalho



Faturamento



Vestuário



Fontes: Ministério do Trabalho e Emprego, IBGE e Findes

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

Grandes e pequenos: luta pela sobrevivência é igual

CARLOS ALBERTO SILVA

Impostos pesados e outros vários encargos tornam difícil competir com produtos de fora

O Grupo Poltex, fabricante de fios e tecidos que chegou a ser a sexta maior companhia do Espírito Santo, foi um dos que não suportou a crise que sufoca a indústria têxtil. Em julho de 2011, depois de 34 anos em funcionamento, a companhia – que incluía a fabricante de tecidos Poltex e a unidade de fios, Fiesa – foi comprada por um grupo mineiro. Antigos executivos da empresa, que chegou a empregar mais de mil pessoas, afirmam que não era possível superar a concorrência estrangeira.

“Chegou-se ao ponto do produto importado acabou sendo vendido aqui no Brasil por um preço inferior ao custo das empresas nacionais. Como competir?”, questiona um ex-executivo da Poltex, que prefere



Desde 2007, 2 mil empregos a menos em Vila Velha

manter-se no anonimato.

Ainda segundo ele, o crédito caro e o excesso de tributos e encargos trabalhistas sufocam todo o setor. “Esses fatores atrapalham o sucesso da indústria têxtil no Brasil. Fomos sufocados, não tínhamos escala”, lamenta.

Se os grandes estão em dificuldades, a situação dos micro e pequenos é ain-

da pior. Nos polos de confecções de Vila Velha, Glória e Santa Inês, o número de empresas só fez despenca de 2007 para cá. Há seis anos, de acordo com dados do Uniglória, eram 120 fábricas. Hoje, são cerca de 50. Nesse período, algo perto de 2 mil empregos foram eliminados.

Marcelo Rocha, presidente do Uniglória, chega

a temer pela sobrevivência do setor. “Temo pela sobrevivência da nossa indústria no Estado. Não apostaria na extinção, mas se nada for feito, muita gente vai ficar pelo caminho”.

As reclamações do representante dos empresários da Glória são bem parecidas com as do antigo executivo da Poltex. “Temos governos extremamente pesados que se mantêm nas costas do contribuinte. Nossa carga tributária é altíssima e os encargos trabalhistas são desanimadores. É difícil concorrer em qualquer mercado. Os micro, pequenos e médios são os que mais sofrem”.

Para Rocha, as políticas de fomento criadas pelo governo pouco ajudam os micro e pequenos fabricantes. “O Simples é muito bom para quem fatura R\$ 200 mil, R\$ 300 mil por mês. Para quem fatura R\$ 50 mil, ajuda pouco, os impostos ainda são muito altos”.